

“O GRANDE DESAFIO”: O RECOMEÇO DO VALE TUDO NO RIO DE JANEIRO (1980 E 1990)

Ivo Lopes Müller Júnior¹

Riqueldi Straub Lise²

André Mendes Capraro³

RESUMO: O objetivo desse estudo foi analisar os elementos históricos que contribuíram para o surgimento da rivalidade entre o Muay Thai e o Jiu-Jitsu no Rio de Janeiro e que contribuíram para o desenvolvimento do Vale Tudo brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. Utilizando a metodologia da História Oral Híbrida, envolvendo entrevistas e fontes diversas, constatou-se que essa rivalidade transcendeu o esporte, resultando em conflitos nas ruas, invasões de academias e eventos de Vale Tudo, influenciando a construção da identidade das práticas de luta com elementos viris. Além disso, destacou-se a parceria entre Muay Thai e Luta Livre após a invasão da academia Naja por praticantes de Jiu-Jitsu, marcando um importante momento na história das lutas no país.

PALAVRAS-CHAVE: Boxe tailandês. Identidade. Virilidade.

"THE GREAT CHALLENGE": THE REVIVAL OF VALE TUDO IN RIO DE JANEIRO (1980S AND 1990S)

ABSTRACT: The aim of this study was to examine the historical factors contributing to the rivalry between Muay Thai and Jiu-Jitsu in Rio de Janeiro and their role in forming Brazilian Vale Tudo in the 1980s and 1990s. Employing the methodology of Hybrid Oral History, which involved interviews and various sources, it was observed that this rivalry extended beyond the realm of sports, resulting in street conflicts, academy invasions, and Vale Tudo events, influencing the identity construction of combat practices with virile elements. Furthermore, the partnership between Muay Thai and Luta Livre emerged after the invasion of the Naja academy by Jiu-Jitsu practitioners, marking a significant moment in the history of combat sports in the country.

KEYWORDS: Thai Boxing. Identity. Virility.

"EL GRAN DESAFÍO": EL RENACIMIENTO DEL VALE TUDO EN RÍO DE JANEIRO (DÉCADAS DE 1980 Y 1990)

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

² Doutor em Educação Física e Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná Brasil e da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

³ Doutor em Educação Física e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo analizar los elementos históricos que llevaron a la rivalidad entre Muay Thai y Jiu-Jitsu en Río de Janeiro y su impacto en el desarrollo del Vale Tudo brasileño en las décadas de 1980 y 1990. Utilizando la metodología de Historia Oral Híbrida, que incluyó entrevistas y diversas fuentes, se encontró que esta rivalidad trascendió el deporte, resultando en conflictos en las calles, invasiones de academias y eventos de Vale Tudo, influyendo en la construcción de la identidad de las prácticas de lucha con elementos viriles. La asociación entre Muay Thai y Lucha Libre después de la invasión de la academia Naja por practicantes de Jiu-Jitsu, marcando un momento importante en la historia deportiva.

PALABRAS CLAVE: Boxeo tailandés. Identidad. Virilidad.

Introdução

Os primeiros combates intermodalidades envolvendo praticantes de Jiu-Jitsu⁴ datam de 1909, quando o lutador Sada Miako participou de

⁴ Após a vitória do Japão na guerra contra a Rússia em 1905, o Jiu-Jitsu chamou a atenção dos militares brasileiros como uma ferramenta para promover a disciplina e as capacidades físicas dos soldados. Isso resultou na vinda de dois lutadores japoneses, Sada Miyako e M. Kakiora, em 1908, para ensinar as técnicas aos marinheiros brasileiros. Em 1914, Mitsuyo Maeda, conhecido como Konde Koma, chegou ao Brasil após viajar pelos Estados Unidos, Reino Unido, México, Cuba e França, fazendo apresentações para provar a eficiência do jiu-jitsu. Maeda ganhou fama ao excursionar pelo Brasil e propor desafios ao público, oferecendo dinheiro para quem o vencesse. Após uma série de demonstrações e confrontos intermodalidades, Maeda fixou residência em Belém do Pará, onde ministrou aulas de jiu-jitsu. Belém, na época, era o maior centro urbano da Região Norte do Brasil e um importante entreposto para a venda de borracha. Em 1916, Maeda abriu uma academia e passou a administrar aulas com o auxílio de seu aluno, Jacyntho Ferro. Nesse período, Maeda conheceu Gastão Gracie, um comerciante da região, que se interessou pelo jiu-jitsu e encaminhou seu filho Carlos às aulas. Carlos teve contato com Maeda por períodos curtos devido às viagens do japonês, tendo aprendido Jiu-Jitsu principalmente com Jacyntho Ferro por aproximadamente três anos. Em dezembro de 1921, devido a problemas financeiros e ao declínio da economia da borracha, Gastão Gracie e sua família mudaram-se para o Rio de Janeiro no início de 1922. Carlos afastou-se do Jiu-Jitsu e passou a se dedicar aos estudos. Em 1928, ele reencontrou Donato Pires dos Reis, um ex-colega da academia de Belém, que o convidou para ser auxiliar na instrução da polícia militar em Belo Horizonte. Em 1930, Donato Pires dos Reis abriu a “academia Jiu-Jitsu” no Rio de Janeiro, tendo Carlos e George Gracie como assistentes, rebatizada como “Academia Gracie” em 1932, após uma briga entre os fundadores. Ao longo da década de 1930, os Gracies, apoiados por um regime nacionalista sob a liderança de Getúlio Vargas, reinventaram o Jiu-Jitsu, que passou a ser chamado de Jiu-Jitsu brasileiro. Esse desenvolvimento resultou dos confrontos entre os Gracies no Rio de Janeiro e os imigrantes japoneses, em um contexto de nacionalismo radical, xenofobia e polarização ideológica. A criação de um Jiu-Jitsu local envolveu mudanças significativas em técnicas, filosofia e rituais, originadas do confronto entre tradição e modernidade. Os irmãos Gracie promoveram a arte através de torneios e demonstrações públicas, consolidando sua reputação e criando um forte *ethos* que os conectava à sociedade local. Eles passaram a se intitular como os criadores do Jiu-Jitsu brasileiro, embora a arte que praticavam fosse uma adaptação do Jiu-Jitsu japonês. A reinvenção foi marcada por um marketing astuto que enfatizava as adaptações feitas pelos Gracies, criando

eventos no Rio de Janeiro (Lise; Capraro, 2018). Entretanto, o termo “Vale Tudo” passou a estar associado à família Gracie em torneios sui generis a partir da década de 1930 (Alonso; Tucci, 2008). Entre os anos de 1959 e 1962, esses desafios eram transmitidos semanalmente no programa Heróis do Ringue da TV Continental. No entanto, devido à falta de regulamentação, ao aumento da violência e à crítica pública, o programa foi cancelado, e o Vale Tudo proibido no estado da Guanabara, devido ao risco à integridade física dos atletas (Alvarez; Marques, 2017). O último programa ficou marcado pela grave lesão sofrida por José Geraldo, que teve uma fratura exposta no úmero (Barreto, 2013).

O retorno dos eventos de Vale Tudo ocorreu em 1983, após Robson Gracie ser nomeado presidente da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) pelo governador Leonel Brizola⁵ (Awi, 2012). O primeiro evento Noite das Artes Marciais, realizado no ginásio do Maracanãzinho em parceria com a federação de boxe, atraiu 15 mil pessoas e ficou marcado pela vitória de Rickson Gracie contra Rei Zulu (Müller Júnior; Capraro, 2023; Chiquinho ..., 1983). O segundo evento, realizado no ano seguinte, foi motivado pelo rápido crescimento do Muay Thai⁶ (inicialmente referido como Boxe Tailandês) no Rio de Janeiro e por

uma identidade distinta para o Jiu-Jitsu brasileiro e tornando-os figuras centrais na popularização e globalização da arte marcial (Cairus, 2020; Drysdale, 2021; Santos Júnior, 2022).

⁵ Em 1982, Leonel Brizola tornou-se o primeiro governador do estado do Rio de Janeiro eleito pelo voto popular, marcando um marco histórico nas primeiras eleições diretas desde o golpe militar de 1964 (Marcon, 2019).

⁶ A origem do Muay Thai no Brasil está relacionada à disseminação do Taekwondo. Nélío Borges de Souza, conhecido como Nélío Naja, treinou com Woo Jae Lee no Rio de Janeiro de 1972 a 1976. Após receber a faixa preta, Nélío Naja migrou para Curitiba com o objetivo de promover o Taekwondo. No entanto, enfrentou dificuldades devido à chegada do mestre coreano Hong Soon Kang. Para superar esses desafios, Nélío se inspirou no desenho animado "Sawamu - O Demolidor" e em lutas gravadas em VHS, adaptando seus conhecimentos para ministrar aulas de Muay Thai, inicialmente promovido como Boxe Tailandês. O Muay Thai desenvolvido por Nélío Naja envolvia práticas militares, técnicas de defesa pessoal com armas, quebraamento de telhas, técnicas de chutes do Taekwondo incrementadas com boxe, joelhadas e cotoveladas. Ele começou ensinando em praças públicas e algumas academias, até que, em 1978, fundou sua própria academia, a MUAYTHAI, no centro de Curitiba. No mesmo ano, Nélío Naja conheceu Wellington Narany, faixa preta de Taekwondo, no Rio de Janeiro. Narany veio a Curitiba para aprender Boxe Tailandês, passando 30 dias em treinamento e recebendo o certificado de faixa preta. No ano seguinte, Narany retornou com seu sócio Flávio

uma desavença pessoal entre membros da família Gracie e os introdutores do Muay Thai no Brasil. Essa rivalidade entre praticantes de Muay Thai e Jiu-Jitsu desencadeou uma série de acontecimentos que serão detalhados neste artigo e que de acordo com Martinez (2011) serviram de base para a criação do *Ultimate Fighting Championship* (UFC) em 1993 por Rorion Gracie, Art Davie e John Milius.

Após uma notável receptividade do público nos primeiros eventos, o UFC enfrentou uma proibição em 49 dos 50 estados americanos. Isso levou a uma reestruturação na organização no final da década de 1990, resultando na implementação de 32 regras destinadas a preservar a integridade física dos lutadores (Lise, 2018). Avaliado em 12 bilhões de dólares em 2023 (Valinsky, 2023), o UFC é considerado uma das organizações de luta mais lucrativas do mundo, além de ter revolucionado o mercado do entretenimento e inaugurado uma nova era nas lutas esportivas (Dias, 2019).

A crescente transformação do UFC em um fenômeno midiático, não apenas impulsionou sua própria popularidade, mas também desempenhou um importante papel na promoção e expansão de outros estilos de luta, à guisa de exemplo o Muay Thai, Jiu-Jitsu, Wrestling, Judô, Karatê, entre outros (Müller Júnior; Capraro, 2020b). Esse contexto proporcionou não apenas um alcance global de audiência, mas também atuou como uma plataforma significativa que impulsionou a visibilidade de diversos estilos de luta, contribuindo, assim, para a disseminação das mesmas em uma escala internacional. No entanto, pouco se sabe sobre a história dos eventos de Vale Tudo, organizados

Molina, que também recebeu o certificado de faixa preta em Muay Thai após 15 dias de treino. Sob a influência de Nélío Naja, ambos difundiram a modalidade no Rio de Janeiro. Para expandir o Muay Thai para São Paulo, Nélío Naja, Flávio Molina e Welington Narany organizaram o "Desafio Rio de Janeiro-São Paulo de Muay Thai" em outubro de 1983. Após o evento, os treinadores paulistas, praticantes de Hapkido e Taekwondo, começaram a fomentar o Muay Thai em São Paulo e a treinar esporadicamente com os cariocas, promovendo a modalidade no Brasil. Após o afastamento voluntário de Nélío Naja em 1985, Welington Narany assumiu a liderança, organizando seminários e intercâmbios com mestres tailandeses. Como resultado, o Muay Thai brasileiro começou a incorporar características globais da luta tailandesa, evoluindo e ganhando credibilidade (Müller Júnior, 2020).

pela família Gracie e que serviram de protótipo para a criação do UFC e desenvolvimento do *Mixed Martial Arts* (MMA).

Sendo assim, este estudo tem o objetivo de analisar os elementos históricos que contribuíram para o surgimento da rivalidade entre o Muay Thai e o Jiu-Jitsu no Rio de Janeiro e que contribuíram para o desenvolvimento do Vale Tudo brasileiro durante as décadas de 1980 e 1990. Por conseguinte, optou-se por utilizar os pressupostos da História Oral híbrida como método de investigação (Meihy; Holanda, 2015). Afinal, a temática esportiva tem sido objeto de investigação por parte de pesquisadores de diferentes especialidades por meio da História Oral, a qual possibilita a criação de um corpus documental (Hollanda, 2017). Especialmente no caso das lutas e artes marciais no Brasil – e o Vale Tudo não foge à regra – é sensível que há uma parca produção historiográfica. Este déficit pode ser atribuído à notável lacuna entre a prática e a teoria (Wacquant, 2002). Sendo assim, o método dialógico contribuirá para a interpretação de uma parcela dessa história, que, até o momento, permanece em grande parte pouco conhecida (Alberti, 2013), no caso, a retomada das lutas de Vale Tudo no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990.

Foram convidados a colaborar com este projeto figuras-chave envolvidas nesses confrontos. Neste rol também se encontrava o já falecido Flávio Molina, então, em caráter excepcional, foi entrevistado o seu filho, Marcelo Dumar Molina (2019), pois ele está escrevendo uma biografia *in memoriam* de seu pai.

Flávio Molina foi um proeminente lutador brasileiro de Taekwondo, ganhou destaque no cenário das lutas no Brasil durante as décadas de 1980 e 1990. Sua contribuição mais notável foi na consolidação e disseminação do Muay Thai no Brasil, com foco na região sudeste do país (Müller Júnior; Vargas; Capraro, 2021). Além disso, Molina participou de confrontos e rivalidades com o Jiu-Jitsu.

Neste estudo foram realizadas doze entrevistas temáticas entre os anos de 2013⁷ e 2023 com as seguintes figuras-chave⁸:

Eugênio Tadeu – aluno e amigo pessoal de Flávio Molina, Mestre em Capoeira, Luta Livre e Muay Thai, participou do UFC XVI, e dos principais eventos de Vale Tudo no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990.

Fernando Pinduka – Mestre de Jiu-Jitsu formado por Carlson Gracie, participou do Vale-Tudo de 1984, enfrentando Marcos Ruas⁹.

Hugo Duarte – Ex-lutador de Vale -Tudo, praticante de Luta Livre e Muay Thai, lutou duas vezes contra Rickson Gracie no Rio de Janeiro.

João Ricardo – Grão mestre e precursor da Luta Livre carioca, acompanhou a parceria entre Luta Livre e Muay Thai.

Johil de Oliveira – Mestre de Luta Livre carioca, lutou nas décadas de 1980 e 1990 eventos de Vale Tudo realizados no Brasil e Japão.

Luís Moraes Duarte, “Bebéo” – Faixa preta de Jiu-Jitsu formado por Carlson Gracie. Bebéo foi um dos líderes da equipe de lutadores de Vale Tudo formada por Carson nas décadas de 1980 e 1990.

Marcelo Alonso – Praticante de Jiu-Jitsu, jornalista, apresentador e editor da revista Tatame e do Portal do Vale-tudo (PVT). Já entrevistou diversos lutadores, técnicos e empresários de Vale Tudo e MMA.

Marcelo Molina – Acompanhou o desenvolvimento do Muay Thai no Rio de Janeiro, e devido à influência de seu falecido pai, Flávio Molina, possui um rico acervo sobre a temática.

⁷ Hugo Duarte, João Ricardo, Johil de Oliveira, Luís “Bebéo” e Roberto Leitão foram entrevistados por Roberto Alves Garcia, com transcrição na íntegra disponibilizada em Garcia (2017).

⁸ Todos os entrevistados concordaram em divulgar seus nomes ao assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Este estudo foi homologado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH, mediante o parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pode ser localizada no site “Plataforma Brasil” a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540.

⁹ Marcos Ruas foi campeão do UFC VII, é reconhecido por ter introduzido o conceito do treinamento multidisciplinar, enfatizando a importância de dominar diversas modalidades para se destacar no MMA (Martinez, 2011).

Roberto Leitão – Grão mestre da Luta Livre esportiva, incentivou e desenvolveu a luta olímpica no país, além de ter fundado a primeira federação de luta olímpica no Brasil, em 1979, assim como a Federação de Lutas do Estado do Rio de Janeiro (FLERJ).

Sandro Lustosa – Mestre em Muay Thai, acompanhou a inserção do Muay Thai no Rio de Janeiro e a rivalidade com os praticantes de Jiu-Jitsu.

Sylvio Bering – Faixa coral de Jiu-Jitsu e preta de Judô. Acompanho a trajetória esportiva de seu finado irmão Marcelo Bering nas lutas de Jiu-Jitsu e Vale Tudo no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Sylvio Bering é vice-presidente (2022-2025) da Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Desportivo e conselheiro da *Jiu-jitsu Global Federation*.

Welington Narany – Sócio fundador da academia Naja em parceria com Flavio Molina, destaca-se por ser o primeiro faixa preta de Muay Thai no Brasil, formado por Nélio Naja em 1979. Sua contribuição ativa foi fundamental para o desenvolvimento bem-sucedido do Muay Thai no cenário esportivo carioca.

Os ex-lutadores Bruce Lúcio, Marcos Ruas, Rickson Gracie, Robson Gracie¹⁰, Royce Gracie e Wallid Ismail, considerados figuras-chave na realização desses eventos, não concordaram em ceder entrevista aos pesquisadores.

A coleta das fontes jornalísticas foi realizada através da Hemeroteca Digital Brasileira, uma plataforma online que reúne o Acervo Memória Nacional da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital). Utilizando os descritores "Vale Tudo", "Muay Thai", "Boxe Tailandês", "Luta Livre", "Jiu-Jitsu" e "Gracie", foram selecionados materiais das décadas de 1980 e 1990, incluindo jornais e revistas fluminenses. Os periódicos utilizados neste estudo foram: Jornal do Brasil, Jornal dos Sports, O Combate e Última Hora. Após a leitura do material, estes foram catalogados e

¹⁰ Robson Gracie faleceu no Rio de Janeiro em 28 de abril de 2023.

selecionados com o objetivo de compreender os acontecimentos envolvendo os conflitos entre os estilos de luta mencionados.

Como forma de enriquecer o debate, ampliando as possibilidades de material analítico, os autores consultaram as biografias *Respire: uma vida em movimento* – Rickson Gracie (Gracie; Maguire, 2021), João Alberto Barreto – do Vale Tudo brasileiro ao *Mixed Martial Arts* (Barreto, 2013), Carlos Gracie – o criador de uma dinastia (Gracie, 2008), além dos livros *Arte Marcial: espetáculo, esporte e circo* (Dias, 2019), *A história completa do Vale Tudo ao MMA no Brasil* (Bassi, 2017), *Filho teu não foge a luta* (Awi, 2013), e *Heróis do Vale Tudo* (Martinez, 2011), as quais também apresentam informações relevantes sobre os acontecimentos.

Para fundamentar teoricamente este estudo, foram exploradas as perspectivas de Pollak (1992) sobre a identidade como um processo contínuo resultante de negociações, influenciado por critérios de aceitação, credibilidade e admissibilidade. De maneira congruente, Candau (2011) fornece um enfoque na identidade como um construto social, compreendendo como ela é moldada e transformada em diversos contextos e situações. Além disso, Delgado (2003) compreende que o tempo, a memória, o espaço e a história estão interligados, muitas vezes em uma relação quando se reconstituem lembranças e disputas de poder. Assim como Corbin, Cortine e Vigarello (2013), o termo "virilidade", um conceito historicamente e socialmente construído relacionado à masculinidade, esteve frequentemente associado à agressividade e à violência, aspectos importantes na análise da rivalidade entre os estilos de luta.

Desafios e Alianças: o retorno do Vale-Tudo carioca

O vale-tudo [re]começou com a união do Boxe Tailandês, hoje Muay Thai, na época em que o Flávio Molina e o Eugênio Tadeu vieram treinar na nossa academia. Eles faziam só Muay Thai e passaram a treinar Luta Livre, aí nós unimos forças e começou essa guerra de Jiu-Jitsu versus Luta Livre (Hugo Duarte, 2013).

A rivalidade entre os praticantes de Jiu-Jitsu e Luta Livre vinham de outrora. Os dois estilos duelavam em busca de reconhecimento e legitimidade, refletindo uma dinâmica de poder e influência no controle das práticas de lutas na cidade do Rio de Janeiro (Serrano, 2016).

A parceria entre o Muay Thai e a Luta Livre iniciou a partir de uma fatídica briga de rua, ocorrida durante o carnaval de 1982, na cidade de Petrópolis (Johil de Ovieira, 2013). Os envolvidos nesse incidente foram Rillion, Charles Gracie e Mario Dumar, cunhado de Flávio Molina. Molina era faixa preta de Taekwondo e um dos responsáveis pela disseminação do Muay Thai no Brasil (Müller Júnior; Vargas; Capraro, 2021). Esse conflito desencadeou uma série de confrontos em ambientes não apropriados e culminou na invasão da academia Naja, localizada no aterro do Flamengo. Segundo o relato do grão mestre Welington Narany, na época sócio de Flávio Molina na academia Naja, a invasão ocorreu durante a transição da prática de Taekwondo para o Muay Thai, em meio a uma aula infantil de Taekwondo realizada à tarde (Narany, 2019). Sandro Lustosa, um dos primeiros mestres formados por Flávio Molina narrou:

O pessoal do Jiu-Jitsu [Gracie] tinha o costume de invadir as academias de artes marciais para se provar perante as outras modalidades. Era de uma maneira muito estranha, porque o cara que ia invadir se preparava para essa invasão, só ele sabia dessa invasão. Quem era invadido muitas vezes estava despreparado (Lustosa, 2019).

A narrativa apresentada por Sandro Lustosa ressalta o comportamento característico dos praticantes de Jiu-Jitsu, especialmente da família Gracie, de invadir academias rivais com o intuito de autoafirmar e consolidar sua identidade como lutadores destemidos e eficazes, aspectos que podem ser associados à virilidade, como identificado por Vigarello (2013). Autores como Gracie e Maguire (2021), Awi (2012), Martinez (2011) e Gracie (2008) corroboram com a perspectiva de autoafirmação, ao destacar o sentimento de pertencimento

e a influência da memória coletiva da família Gracie e dos praticantes de Jiu-Jitsu em relação a esses eventos.

Ainda nesse sentido, após a invasão e depredação da academia Naja por um grupo de alunos de Jiu-Jitsu, liderados por Rolls, Charles, Renzo e Rickson Gracie, tornou-se evidente que Flávio Molina estava determinado a buscar uma revanche pessoal (Marcelo Molina, 2019). Molina expressou o desejo de enfrentar Rolls, no entanto, esse confronto não pôde ser concretizado devido ao falecimento deste integrante da família Gracie em meados de 1982 (Alonso; Tucci, 2008; Choro ..., 1982).

A rivalidade entre os praticantes de Muay Thai e Jiu-Jitsu atingiu proporções impactantes no ambiente jovem da cidade do Rio de Janeiro, principalmente aqueles frequentados por grupos de extratos sociais econômicos médio e alto. Diante dessa situação, Flávio Molina passou a treinar Luta Livre e optou por resolver o conflito de forma ética, como relatado pelo jornalista Marcelo Alonso, que afirmou que Molina escolheu findar a questão no ringue, em vez de recorrer a medidas violentas, como invadir a academia Gracie ou tomar atitudes extremas (Alonso, 2020). Em resposta, Hélio Gracie propôs a realização do evento Vale-Tudo, Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês, no ginásio do Maracanãzinho.

No intuito de autoafirmar sua superioridade por intermédio da violência e da força, Hélio Gracie informou ao jornal do Brasil (1984) que “Molina tem a fama de provocar e não aparecer na hora. Acho bom ele ir, se não apanha até fora do ringue”. Esse comentário reflete a ideia de que a virilidade está associada à disposição para o confronto físico e à coragem de enfrentar desafios, destacando como as noções de masculinidade podem estar interligadas com a demonstração pública de força e bravura (Baubérot, 2013).

Para esse evento, Flávio Molina tinha a intenção de contar com a participação de seus alunos mais experientes, como Narany, Luiz Alves e Gueri, porém, não chegaram a um acordo financeiro (Martinez, 2011). Ainda assim, encontrou apoio em Eugênio Tadeu, Marco Ruas e Marcelo

Mendes, praticantes de Luta Livre e que estavam iniciando no Muay Thai (João Ricardo, 2013).

Ainda em relação a escolha dos lutadores, a narrativa de Sylvio Behring contribui significativamente para a compreensão do cenário das lutas no Rio de Janeiro durante o hiato de 20 anos (1962 – 1983) sem eventos de Vale Tudo. Ele destacou como os alunos do Jiu-Jitsu foram escolhidos para defender a honra da família Gracie e participar dos combates.

Foi a forma que eles [Gracies] acharam para colocar os alunos para lutar. O pessoal queria lutar de qualquer jeito. Todo mundo queria lutar [ênfase]! A gente tinha um monte de gente na fila. A porrada comia na academia para ver quem estava mais preparado para lutar. O Marcelo era um cara muito convincente. Ele convenceu o Rickson que o negócio era com ele, deixa esse cara passar por mim, se ele passar por mim, você faz uma luta com ele (Sylvio Behring, 2021).

Ao analisar a narrativa, nota-se que a vontade de lutar e a busca por oportunidades dos praticantes de Jiu-Jitsu era superior em comparação com os praticantes de Muay Thai. Enquanto o Muay Thai estava empenhado em organizar-se e popularizar a modalidade, o Jiu-Jitsu, já enraizado no Rio de Janeiro, contava com uma equipe de lutadores que almejavam provar suas habilidades e marcar seu nome na memória coletiva dessa prática corporal. Além da tentativa do entrevistado (Sylvio Behring) enaltecer a memória do finado irmão, mas também o poder persuasivo e o papel na tomada de decisão daqueles que supostamente participariam das lutas. Conforme Fernando Pinduka (2021), Gracie e Maguire (2021) e Martinez (2011) apontam, essa decisão foi liderada por Hélio Gracie, com o intuito de enaltecer/preservar o nome da família Gracie, mesmo em face de uma possível derrota. Ao mesmo tempo, a decisão também visava diminuir a estima dos oponentes, que não haviam conseguido vencer sequer os alunos dos Gracie, quanto mais enfrentar um membro da própria família.

O evento Vale-Tudo, Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês ocorreu em 30 de novembro de 1984 e atraiu um público de 22 mil espectadores, recebendo cobertura da rádio e TV Manchete (Awi, 2012; Boxe ..., 1984). O Jornal do Brasil (1984b, p. 35) relatou que “[...] a torcida era francamente favorável aos lutadores do Jiu-Jitsu e externou sua preferência de maneira ativa. Gritos, brigas, cadeiras voando e palavrões deram o tom do espetáculo”. O evento contava com quatro contendidas, mas na semana anterior, Marcelo Mendes quebrou a perna e não pôde participar (Bebéo, 2013). O Jiu-Jitsu foi representado por Marcelo Behring, Renan Pitangui, Fernando Pinduka e Inácio Aragão, alunos da academia Gracie. Fernando Pinduka narrou que “[...] tiveram 3 lutas [insegurança], não pera aí, tiveram 4 lutas onde o Jiu-Jitsu perdeu apenas uma com o Renan Pitangui”. Vale ressaltar que o Jornal do Brasil (1984) e o Jornal dos Sports (1984) deram o mesmo tom. Embora os praticantes de Muay Thai questionassem o resultado, informando que foi contabilizada a vitória do praticante de Jiu-Jitsu Inácio Aragão sobre Bruce Lúcio, representante do Kung Fu. Bruce Lúcio não conhecia Flávio Molina, tão pouco os representantes do Muay Thai, ele foi convidado pelos membros da família Gracie para substituir Marcelo Mendes (Müller Júnior; Capraro, 2020c; Awi, 2012; Alonso; Tucci, 2008). Na biografia Rickson Gracie - Respire uma vida em movimento, os autores informam que nesse evento “[...] as lutas foram bem acirradas, e, no fim, o Jiu-Jitsu venceu uma, perdeu outra e empatou a terceira” (Gracie; Maguire, 2021, p. 116).

Conforme Candau (2011) a memória é uma reconstrução em constante evolução do passado, em vez de uma recriação fiel do mesmo. Thomson (1997) acrescenta que ao narrar uma história, delineamos nossa percepção de quem éramos no passado, quem somos no presente e nossos desejos futuros. Assim, podemos inferir que esse evento serviu como um marco na luta pela afirmação e legitimação dos estilos e identidades dos praticantes, uma batalha que ia além das técnicas e abraçava as narrativas construídas ao longo do tempo. A rivalidade entre

Jiu-Jitsu e Muay Thai, bem como as alianças formadas, tornaram-se elementos essenciais para o desenvolvimento do Vale Tudo e futuramente do *Mixed Martial Arts* (MMA).

“Desafios a portas fechadas”: a rivalidade entre Jiu-Jitsu e Luta Livre/Muay Thai

Muitos destes desafios eram movidos pela antiga e grande rivalidade existente entre o Jiu-Jitsu e a Luta-Livre no Rio de Janeiro. Mas, com certeza, o mais célebre e famoso desafio ocorrido "a portas fechadas" de todos os tempos aconteceu entre Rickson Gracie x Hugo Duarte (Martinez, 2011, p. 38).

A animosidade entre os praticantes de Jiu-Jitsu e Luta Livre/Muay Thai persistiu após o Vale Tudo realizado no Maracanãzinho. A derrota de Flávio Molina e o desempenho notável no empate contra Fernando Pinduka proporcionaram a ascensão de Marcos Ruas como o protagonista da Luta Livre/Muay Thai. Nesse sentido, Marcelo Alonso lembrou que:

Ruas passa a ser o grande ícone da modalidade Muay Thai e Luta Livre quando empata com Pinduka. As pessoas que estavam nos bastidores aqui no Rio de Janeiro começam a falar de Marcos Ruas, pois Pinduka era o cara mais temido do Carson. Aí começam os bochichos de que ele venceria Rickson e aí Ruas começa a crescer muito no conceito marcial dos bastidores, o que é algo relevante. Nas décadas de 1980 e 1990, praticamente não existiam competições entre os estilos. Como vocês saberiam se o cara era sinistro? Através dos treinos. Chegava na praia e lá estava o cara do Muay Thai falando: "– Pô, meu irmão, tomei um chute do Ruas. Cara, o Ruas arrebitou o saco de pancadas com a canela." E começava aquele folclore. O cara da Gracie chegava e falava: "– Rickson finalizou 11 ontem." E assim começava esse folclore. As pessoas começaram a criar a ideia de Rickson e Ruas... e Ruas cresce muito em cima disso também. Rickson já era o cara número 1 e Ruas passa a ser o cara que muitos acreditavam que poderia dar uma luta dura e vencer. Ele passa a ter um conceito muito grande no Rio de Janeiro. E outras coisas importantes também: ele foi treinar com Osvaldo Alves e o pessoal conta que ele já era duro, difícil de finalizá-lo. Sergio Penha teve dificuldades para finalizá-

lo sem quimono. Aí o cara conta que, num treino de sparring com Paulo Caruso, que era um dos caras mais respeitados do Rio de Janeiro, Paulo Caruso toma uma surra, com tapas na cara. Esse vídeo até tem na internet, e isso começou a criar um fantasma em torno de Marco Ruas (Marcelo Alonso, 2021).

A narrativa apresentada (por Marcelo Alonso) exemplifica a complexa interação entre memória e identidade, demonstrando como as narrativas compartilhadas moldam a percepção das pessoas sobre os lutadores. Essa conexão entre memória e identidade, como apontado por Candau (2011), é uma interação crucial em que ambas se influenciam mutuamente, colaborando na construção de uma narrativa, uma história, um mito.

Nesse sentido, Candau (2011) sugere que a memória não apenas nos molda, mas também é influenciada por nossas próprias ações e narrativas. Algo que é evidenciado ao mencionar que Ruas se tornou um ícone após empatar com Pinduka, a descrição evidencia como memórias específicas de eventos de Vale Tudo moldaram a percepção das pessoas pertencente a essa cultura, e sobre a identidade desses ícones. A narrativa coletiva, baseada nas trocas de “histórias” e no “folclore” que se desenvolveu em torno das realizações desses lutadores, ilustra a ideia de que a memória não é apenas um registro passivo, mas algo moldado pelas narrativas compartilhadas, pois “[...] as análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade” (Delgado, 2003, p.10). A ausência de competições nas décadas de 1980 e 1990 também acentua o papel da memória e das narrativas e na construção das identidades viris dos lutadores. Vale ressaltar que, através de relatos orais, a memória coletiva se forma (Halbwachs, 2006). À guisa de exemplo: “tomei um chute do Ruas” ou “Rickson finalizou 11 ontem”, modelaram as identidades dos lutadores com base em suas experiências compartilhadas entre os próprios praticantes dessa prática corporal.

Ainda em relação ao compartilhamento de experiências, Gracie e Maguire (2021, p.116) informaram que “após os treinos feitos com o

Molina e o empate no Vale Tudo de 1984, os rapazes da Luta Livre/Muay Thai começaram a agir como se tivessem descoberto a fórmula para vencer o Jiu-Jitsu”. Os ruídos de que Marcos Ruas poderia vencer Rickson Gracie, aliado à sua viagem à Califórnia, no intuito de ajudar seu irmão Rorion Gracie a promover o Jiu-Jitsu nos Estados Unidos da América (EUA) se espalharam pelo Rio de Janeiro. Rickson temia a transmissão oral de que estava fugindo de um confronto contra o Ruas e acabasse manchando o próprio nome (Bassi, 2017).

Em uma tarde de julho de 1988, Hélio Gracie, Marcelo Behring, Sérgio ‘Malibu’ Zveiter e Rickson Gracie invadiram a academia onde Marco Ruas treinava para desafiá-lo. Segundo a memória instituída, Rickson estava disposto a lutar ali, na hora, de portas fechada e filmadora ligada, somente pela sua honra (Gracie; Maguire, 2021). Marcos Ruas recusou a proposta, disse que lutaria com Rickson em um evento, com bolsa acertada entre as partes e com um período de quatro meses de preparação (Marcelo Alonso, 2021). Os ânimos se inflaram, com a provocação feita pelos Gracies aos praticantes da Luta Livre, a ponto de Hélio Gracie sugerir fazer uma lista de pessoas interessadas em lutar contra Rickson (Bassi, 2017). Hugo Duarte, companheiro de treino de Marcos Ruas, narrou: Você pode colocar o meu nome como o primeiro da lista (Hugo Duarte, 2013). Rickson informou que teria ido ao local para “[...] lutar contra Marco Ruas, um lutador talentoso e respeitável e agora se via pressionado a lutar com um iniciante” (Gracie; Maguire, 2021, p. 128).

Importante ressaltar que, até aquele momento, Marco Ruas tinha participado oficialmente apenas de um confronto, diante de Fernando Pinduka. Somente em 1995, venceu o *Grand Prix*¹¹ do UFC VII, e consolidou o respeito de seus adversários. Esse enxerto ilustra como a

¹¹ Formato de torneio esportivo em que lutadores de artes marciais mistas (MMA) competem em várias lutas eliminatórias em uma categoria de peso específica, culminando em uma luta final para determinar o campeão. Nos primeiros UFC's, os Grand Prix eram realizados com oito lutadores que normalmente realizavam três lutas, para se sagrar campeão, gerando emoção aos fãs (Lise, 2018).

memória coletiva (Halbwachs, 2006) e as narrativas compartilhadas são moldadas a partir da percepção do presente e influenciam na construção da identidade, como evidenciado por Rickson Gracie em sua biografia publicada em 2021.

A partir da invasão, começou a correr o boato que Hugo Duarte estava treinando intensamente para lutar contra Rickson Gracie. Em um sábado de outubro de 1988, Rickson Gracie foi informado que Hugo Duarte estava em um momento de lazer na praia. O Gracie reuniu um grupo de familiares e alunos e dirigiu-se ao local para desafiá-lo (Martinez, 2011). Ryan Gracie, na época com 12 anos, ficou responsável em realizar a filmagem (Bassi, 2017) editada, narrada em inglês e utilizada pelos Gracies para divulgar a eficiência do Jiu-Jitsu na defesa pessoal¹² (Dailymotion.com). Hugo Duarte narrou que:

Estávamos na praia do Pepe, o Rickson chegou com umas cinquenta a sessenta pessoas, eu estava com mais três pessoas, ele perguntou, meu irmão tá pronto? Me deu um tapa no rosto e começou a confusão. Eu fui pra dentro, saímos na mão e resolvemos. (Hugo Duarte, 2013).

Rickson, descreveu que Hugo Duarte não ficou satisfeito com o desenrolar da luta. “Eu [Hugo] estava ganhando até seus parentes começarem a me chutar e jogar areia nos meus olhos! Típico comportamento dos Gracies” (Gracie; Maguire, 2021, p. 129). Os praticantes da Luta Livre/Muay Thai acreditam que foi uma grande crocodilagem¹³ a atitude de Rickson enfrentar Hugo Duarte, desprevenido (Martinez, 2011). Alguns dias depois do ocorrido, no intuito de demonstrar poder e dominância, os praticantes de Luta Livre/Muay Thai resolveram invadir a academia Gracie Humaitá. Ao relatar um acontecimento vivido por tabela (Pollak, 1992), Marcelo Alonso (2021) contou que o pessoal da Luta Livre/Muay Thai respeitou a ética marcial, estavam em aproximadamente 60 pessoas do lado de fora, entraram na

¹² Disponível em <https://www.dailymotion.com/video/xdy27z>

¹³ Dito popular referente à traição, covardia, trairagem.

academia apenas Hugo Duarte, Eugênio Tadeu e Denílson Maia. Hugo Duarte lembrou que Rickson Gracie não estava, então convenceu Hélio Gracie a telefonar para ele, solicitando sua presença ao local. “Eu vim aqui para sair na porrada com seu filho. Ninguém vai sair da academia até ele chegar” (Hugo Duarte, 2013).

A referida luta aconteceu, Bassi (2017) e Martinez (2011) descrevem que foi rápida. Após Rickson Gracie levar alguns socos, conseguiu agarrar Hugo Duarte, derrubá-lo e alcançar a posição de montada¹⁴ com certa facilidade. A partir da montada, o Gracie desferiu alguns socos, levando a uma desistência por parte de Hugo Duarte, que aceitou o resultado. Ao término do combate, Royler começou a brigar com Eugênio Tadeu, mas a luta foi interrompida devido a chegada da polícia (Eugênio Tadeu, 2023; Gracie; Maguire, 2021).

Considerando que a honra é uma qualidade socialmente valorizada que abrange reputação, integridade e respeito (Rohden, 2006), a memória desempenha um papel crucial na constituição e preservação da honra. Nesse sentido, histórias, narrativas e memórias compartilhadas desempenham um papel fundamental ao influenciar a percepção da reputação, virtude e valores individuais ou grupais, impactando diretamente identidade e posição social (Pollak, 1989). Ao longo deste contexto, evidenciou-se uma memória coletiva ligada à busca pela honra e à noção de hombridade como elementos intrínsecos à identidade coletiva da cultura dos lutadores de Vale Tudo, tanto do universo do Jiu-Jitsu quanto do Muay Thai/Luta Livre.

“O Grande Desafio”: ao vivo para todo o Brasil

[...] eles foram à televisão para desafiar qualquer tipo de luta. Então, durante um campeonato de Jiu-Jitsu na Urca,

¹⁴ A "montada" no Jiu-Jitsu é uma posição de domínio e controle que ocorre quando um lutador está montado sobre o peito do oponente, geralmente com as pernas posicionadas uma de cada lado do corpo do oponente, e mantém controle sobre os movimentos dele. Na montada, o lutador que está por cima tem uma posição vantajosa para aplicar golpes, estrangulamentos e finalizações (Silva, 2020).

nós fomos ao campeonato deles e os desafiamos para um confronto de Vale Tudo (Hugo Duarte, 2013).

A viagem de Rickson Gracie para Los Angeles - EUA, no final da década de 1980, diminuiu a animosidade entre o Jiu-Jitsu e a Luta Livre/Muay Thai de forma momentânea (Gracie; Maguire, 2021). No entanto, em 1991, dois anos antes da criação do UFC, essa rivalidade ressurgiu e transcendeu as ruas, sendo levada novamente ao ringue, marcando um capítulo significativo na história das lutas no país (Serrano, 2016).

Devido a influência dos Gracies junto a SUDERJ e as emissoras de televisão, o Vale tudo voltou a chamar à atenção da mídia e foi feita a transmissão ao vivo, em canal aberto e horário nobre o evento intitulado O Grande Desafio, realizado no dia 31 de agosto de 1991 (Bassi, 2017). A antiga rivalidade existente entre Jiu-Jitsu e Muay Thai/Luta Livre voltou à tona. O estopim para realização desse evento foi a repercussão da entrevista transmitida ao vivo pela Rede Globo, em que o lutador Wallid Ismail ao divulgar a Copa Nastra¹⁵ afirmou: “- Olha, eu desafio qualquer um, de qualquer modalidade de luta, pra lutar contra o Jiu-Jitsu, porque o Jiu-Jitsu é a melhor luta e nós vamos provar isso” (Juppa; Venga, 2022).

Na fala de Wallid, nota-se a tentativa de afirmar a dominância e superioridade da identidade do Jiu-Jitsu sobre outras lutas, não apenas por meio de um combate físico, mas também através de uma disputa simbólica e viril pela representação e afirmação da identidade no contexto das artes marciais. Nesse contexto, Thomson (2000) argumenta que a reafirmação de narrativas que antes permaneciam silenciadas tem o potencial de fortalecer indivíduos ou grupos sociais. A resposta veio no dia seguinte, na própria Copa Nastra, com a invasão dos praticantes do Muay Thai/Luta Livre para tomar satisfação, aceitando o desafio proposto por Wallid e sugerindo a realização de um evento de Vale Tudo

¹⁵ Torneio de Jiu-Jitsu realizado no Rio de Janeiro e que reunia importantes nomes da modalidade.

entre as modalidades (Eugênio Tadeu, 2023; Awi, 2012). Evidencia-se que ao responder de forma imediata aos praticantes de Jiu-Jitsu, essa atitude ilustrou como a rivalidade não apenas desafia a identidade já estabelecida, mas também molda e redefine a percepção de si mesmos e dos outros (Delgado, 2003). Isso ilustra como a rivalidade entre os estilos de luta vai além do aspecto físico, adentrando uma dimensão simbólica crucial na construção das identidades individuais e coletivas nas artes marciais (Delgado, 2017).

Nesse sentido, a rivalidade entre os estilos de luta não apenas reflete uma busca por domínio esportivo, mas também se torna uma expressão de masculinidade, na qual os praticantes buscam afirmar não apenas a superioridade de suas técnicas, mas também sua força e coragem como homens (Vigarello, 2013). Isso mostra como a virilidade está intrinsecamente ligada à construção das identidades no mundo das artes marciais e como os aspectos da masculinidade foram negociados e redefinidos por meio de desafios e da rivalidade envolvendo os praticantes de Jiu-Jitsu e Muay Thai/Luta Livre.

Ainda em relação a Copa Nastra, os praticantes de Jiu-Jitsu não esperavam que o pessoal do Muay Thai/Luta Livre invadissem o torneio propondo a realização de um desafio de Vale Tudo. Essa situação ficou tensa e só foi controlada devido à experiência de Carlson Gracie e Marcelo Bhering (Sylvio Bhering, 2021). Nesse mesmo dia, de forma tácita, definiram as regras e os participantes desse evento, envolvendo os praticantes do Jiu-Jitsu versus Muay Thai/Luta Livre. Inicialmente, estavam programadas as lutas entre Wallid Ismail e Eugênio Tadeu; Amaury Bitetti e Marcos Ruas; Fábio Gurgel e Denílson Maia; Marcelo Bhering e Hugo Duarte; Murilo Bustamante e Marcelo Mendes.

Marcos Ruas almejava enfrentar Rickson Gracie, em um evento no ginásio do Maracanãzinho, porém essa luta não se concretizou. Diante dessa situação, ele optou por enfrentar He-Man em Manaus - AM, com a motivação de um cachê de US\$ 2,000.00 (Bassi, 2017; Martinez, 2011). Nesse contexto, Sylvio Bhering relatou que a ausência de seu irmão

Marcelo, devido a um problema de saúde não tirou o brilho do evento, que, por sua vez, foi marcado por uma série de confusões, mais uma entre as muitas que caracterizaram essa rivalidade (Sylvio Bhering, 2021).

Os organizadores do evento conseguiram uma abertura no programa Jô Soares onze e meia, no dia 17 de julho de 1991. Nessa ocasião, os lutadores do Muay Thai/Luta Livre desafiaram publicamente os praticantes do Jiu-Jitsu para um “feroz combate”. De forma cordial, os dois grupos (Jiu-Jitsu e Muay Thai/Luta Livre) realizaram demonstrações viris do que o público estaria prestigiando no evento (Visões ..., 1991). Nesse contexto, conforme observado por Dias (2019), a exibição transcende a mera compilação de imagens, transformando-se em uma interação social entre indivíduos, facilitada por representações visuais que não apenas entretêm, mas também desempenham um papel crucial na construção identitária.

Ainda em relação a divulgação do evento, sob o título "As lutas estão voltando como no passado", o Jornal dos Sports (1991, p.9) elaborou um perfil dos lutadores que protagonizariam o que foi considerado "[...] o mais importante espetáculo pugilístico de 1991". Isso porque os espetáculos correspondem a fenômenos culturais e midiáticos que refletem os valores fundamentais da sociedade contemporânea, influenciam as ações individuais e teatralizam suas divergências e batalhas, bem como seus paradigmas para a resolução de conflitos (Dias, 2019).

O evento com nuances de espetáculo foi organizado pela Federação de Jiu-Jitsu do Rio de Janeiro, no clube Grajaú, como mencionado pelo Jornal do Brasil (1991), que destacou a presença do prefeito Marcello Alencar (1983-1993)¹⁶. O acontecimento havia sido preparado para ser um sucesso, mas não funcionou como o esperado (Roberto Leitão, 2013). Os telespectadores testemunharam cenas de violência explícita, que

¹⁶ Marcello Alencar foi nomeado para o cargo em 1983 pelo então governador fluminense Leonel Brizola e atuou até 1988. Posteriormente, de 1989 a 1993, foi eleito pelo voto direto, consolidando seu mandato (Motta, 2013).

pareceram agradar somente a parte do público que lotou as dependências do ginásio, composto majoritariamente (aproximadamente 75%) por praticantes de Jiu-Jitsu, entre os quais, alguns estiveram prestes a reproduzir a mesma agressividade que era esperada no ringue, nas arquibancadas (Jornal do Brasil, 1991).

O respeitado jornalista Léo Batista, encarregado da narração e transmissão ao vivo do evento, relatou que o confronto intermodalidades, inicialmente concebido como uma competição de luta esportiva, rapidamente se transformou em um evento de Vale Tudo. Desde o primeiro embate entre Wallid Ismail e Eugênio Tadeu, os competidores não seguiram as regras estipuladas, que proibiam socos de mão fechada, cotoveladas, cabeçadas e chutes com o oponente no chão (Juppa, Venga, 2022). De acordo com o narrador, Wallid foi o primeiro e, de longe, o que mais desrespeitou as regras impostas, fazendo uso excessivo da força e violência (Ge.globo.com). Sylvio Bhering relatou que para esses eventos:

A luta era num ringue de corda, todo mundo de mãos livres, valia tudo, exceto dedo no olho, golpes nas regiões genitais, puxão de cabelo. Não sei se estavam incluídas estas daí, mas se não fossem, eram regras implícitas. Um cavalheirismo de alguma forma, mas acredito que região genital e dedo no olho eram as regras mais preocupantes. Talvez a fuga do ringue (SYLVIO BHERING, 2021).

O violento combate, acabou de forma conturbada, com ambos os lutadores caindo para fora do ringue. Eugênio Tadeu caiu em posição desfavorável, resultando em sua derrota, enquanto Wallid foi retirado da confusão, regressou ao ringue e foi declarado vencedor pelo árbitro João Alberto Barreto. Eugênio Tadeu (2023) expressou as mesmas reclamações que Rei Zulu havia apresentado em relação à arbitragem ser composta apenas por praticantes de Jiu-Jitsu, assim como à presença do público ao redor do ringue atrapalhando o lutador rival durante sua luta contra Rickson Gracie, em 1983 (Müller Júnior; Capraro, 2023). Eugênio Tadeu mencionou que, nos eventos de Vale Tudo organizados pelos Gracies, os praticantes de Jiu-Jitsu costumavam cercar o ringue

com alunos para provocar, segurar e atrapalhar os competidores adversários. O referido lutador relatou que, quando caiu do ringue, foi agarrado e impedido de retornar, enquanto o árbitro iniciava a contagem. Também ressaltou que o árbitro deveria ter interrompido a luta e aguardado a sua recuperação, antes de encerrar o combate (Eugênio Tadeu, 2023). Por outro lado, Wallid informou que Eugênio Tadeu não voltou, pois estava sem forças, agarrando-se ao seu treinador, que impediu que ele voltasse ao ringue, culminando na desistência da luta (Juppa, Venga, 2022).

Na segunda luta da noite, Murilo Bustamente saiu vitorioso ao derrotar Marcelo Mendes. Após receber alguns socos enquanto estava no chão, Marcelo Mendes acabou caindo para fora da área de combate e optou por desistir da luta (Bassi, 2017). Encerrando o evento, Fábio Gurgel conseguiu uma vitória sobre Denílson Maia, com intervenção do árbitro já no primeiro round. Gurgel estava desferindo golpes contundentes e seu oponente não esboçava reação, o que levou à interrupção da luta, consolidando a vitória por três a zero para o Jiu-Jitsu. (Juppa; Venga, 2022).

Apesar das contestações por parte dos praticantes de Muay Thai/Luta Livre devido a erros na arbitragem, é notável que a rivalidade entre as modalidades teve um papel significativo no avanço técnico dessas lutas. Murilo Bustamente enfatizou que após a transmissão ao vivo do evento, houve um crescimento exponencial de praticantes de Jiu-Jitsu (Pvt, 2016). Ainda assim, a rivalidade entre Jiu-Jitsu e Muay Thai/Luta Livre só acabou depois do início da esportivização do esporte, no Japão, quando os lutadores brasileiros passaram a viajar para o oriente para competir contra estrangeiros, no final da década de 1990 (Bebéo, 2013). Segundo Johil de Oliveira (2013), essa rivalidade desempenhou um papel importante não apenas no desenvolvimento técnico, mas também nas estratégias adotadas no Vale Tudo, uma forma de luta que anos mais tarde se tornaria conhecida como MMA.

Os eventos de Vale Tudo dividiam opiniões, proporcionando cenas excitantes para alguns, enquanto eram percebidos como violentos por outros. Nesse contexto, é importante ressaltar que nesses eventos realizados por regras tácitas, quem organizava o evento muitas vezes levava vantagem, gerando uma falta de equidade e imprevisibilidade. No entanto, a transição para regras regulamentadas permitiu uma igualdade de oportunidades. Isso não apenas contribuiu para a segurança dos participantes, mas também para uma maior profissionalização e legitimidade do esporte, atendendo tanto aos anseios dos competidores quanto às expectativas do público não especializado.

Conclusão

Este artigo visou analisar os elementos históricos que contribuíram para o surgimento da rivalidade entre o Muay Thai e o Jiu-Jitsu no Rio de Janeiro e que contribuíram para o desenvolvimento do Vale Tudo brasileiro durante as décadas de 1980 e 1990. Além disso, detectou a parceria entre o Muay Thai e a Luta Livre dentro desse cenário, o que revelou vários fatores relevantes, entre eles, - culturais, financeiros, esportivos e identitários - que moldaram o cenário das artes marciais no Rio de Janeiro e, possivelmente, influenciaram também o cenário nacional.

O fatídico incidente de invasão e depredação da academia Naja, resultou na parceria e união entre os praticantes de Muay Thai e da Luta Livre, insatisfeitos com as invasões de academias realizadas pelos praticantes do Jiu-Jitsu. A rivalidade entre os estilos de lutas transcendeu o aspecto esportivo, influenciando na construção identitária das práticas de lutas.

As narrativas em torno da superioridade de cada modalidade, exemplificadas na declaração desafiadora de Wallid Ismail, assim como na invasão dos praticantes de Muay Thai/Luta Livre na academia Gracie durante a Copa Nastra, exemplificam como a rivalidade não apenas

desafiava a identidade já estabelecida, mas também influenciava a dinâmica de cooperação entre as modalidades. Além disso, é importante observar que essa rivalidade, marcada por desafios, confrontos e disputas simbólicas, também estava intrinsecamente ligada às características associadas à virilidade, como coragem, força e determinação. Esses atributos viris eram altamente valorizados no contexto das artes marciais e desempenharam um papel fundamental não apenas nos combates físicos, mas também na afirmação das identidades desses estilos e no crescimento de suas respectivas bases de seguidores, tornando-se assim um elemento central no desenvolvimento dessas práticas de luta.

Portanto, a história da rivalidade entre o Muay Thai e o Jiu-Jitsu no contexto do vale tudo brasileiro é um reflexo multifacetado das dinâmicas sociais, culturais e esportivas da época. A análise desses elementos oferece insights valiosos sobre como as identidades individuais e coletivas são construídas, moldadas, contestadas e negociadas em um ambiente competitivo e como rivalidades podem ser catalisadoras de mudanças e colaboração.

A compreensão desse contexto contribui não apenas para a história das artes marciais no Brasil, mas também para a compreensão mais ampla das complexas interações entre esporte, cultura e identidade. Ainda assim, vale ressaltar que o estudo se limitou a analisar a rivalidade entre o Jiu-Jitsu e Muay Thai/Luta Livre no Rio de Janeiro. Neste sentido, recomenda-se novos estudos desta natureza, considerando outros estilos de lutas ou até mesmo a mesma modalidade em diferentes extratos regionais. A guisa de exemplo, a rivalidade envolvendo os praticantes de Muay Thai/Luta Livre do Rio de Janeiro e os praticantes de Muay Thai/Vale Tudo da academia Chute Boxe, localizada em Curitiba, ou a rivalidade envolvendo os praticantes de Jiu-Jitsu das equipes Gracie e Fadda no Rio de Janeiro que aqui não foram contempladas e que podem nortear a compreensão do prelúdio do MMA.

Referências:

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALONSO, Marcelo; TUCCI, Alfredo. *La famiglia Gracie e la rivoluzione del jiu-jitsu*. Roma: Budo International Publ, 2008.
- ALVAREZ, Fábio de Lima; MARQUES, José Carlos. A violência atenuada nas telas: a nova face do mma (artes marciais mistas) em sua chegada à rede globo. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 10, n. 02, p.1-23, 2017.
- AWI, Felipe. *Filho teu não foge à luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BARRETO, João Alberto. *Do Valetudo brasileiro ao Mixed Martial Arts*. Rio de Janeiro: Tatame, 2013.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, tornasse viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BASSI, Frank Delano. *A história completa do Vale Tudo ao MMA no Brasil*. Joinville: Clube de Autores, 2017.
- BOXE Tailandês X Jiu Jitsu. *Manchete*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1984, p. 129.
- CAIRUS, José. Nationalism, immigration and identity: The Gracies and the making of Brazilian Jiu-Jitsu, 1934–1943. *Martial Arts Studies*, n. 9, p. 28-42, 2020.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*; tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHIQUEINHO de Jesus arrisca título sábado. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1983, p. 8.
- CHORO e palmas no enterro de Gracie, nova vítima da asa. *Jornal dos Sports*, 8 jun. 1982, p. 1.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DAILYMOTION.com. *Rickson Gracie vs. Hugo Duarte*. Fonte: <https://www.dailymotion.com/video/xdy27z>. Acesso em 20 set. 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral-memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. *História oral*, v. 6, n. 1, 2003.

DIAS, Everton de Brito. *Arte marcial: espetáculo, esporte e circo*. Curitiba: Appris, 2019.

DRYSDALE, Robert. *Abrindo Closed Guard – As origens do Jiu-Jitsu no Brasil*. São Paulo: independently published, 2021.

GARCIA, Roberto Alves. *Representações sociais sobre o MMA por lutadores do Rio de Janeiro*. Tese (doutorado em Educação Física). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GE.globo.com. *Esporte Espetacular: Há 30 anos, jiu-jitsu e luta livre disputavam qual era a melhor luta*. Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10407065/>. Acesso em 20 set. 2023.

GRACIE, Reila. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRACIE, Rickson; MAGUIRE, Peter. *Rickson Gracie - Respire uma vida em movimento*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA, entre 1954 e 1982. *História Oral*, v. 20, n. 1, p. 101-123, 2017.

VISÕES, lutas e violões. *Jornal do Brasil*, 17 jul. 1991, p.16.

JORNAL DO BRASIL. Derrota para Zulu tira chance de Batarelli lutar com Gracie. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1984, p. 35.

JORNAL DO BRASIL. Jiu-Jitsu derrota a Luta Livre. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 set. 1991, p. 2.

JORNAL DOS SPORTS. Em apenas dois minutos, Rei Zulu arrasa Batarelli. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1984.

JORNAL DOS SPORTS. As lutas estão voltando como no passado. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1991, p. 9.

LISE, Riqueldi Straub; André Mendes Capraro. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 01, p. 318-324, 2018.

LISE, Riqueldi Straub. *Cerceamentos, coerções e esportividade no Ultimate Fighting Championship (UFC)*. Tese (doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

JUPPA, Fábio; VENGA, Gleidson. Em 1991, desafio entre jiu-Jitsu e luta-livre colocou o vale-tudo na tevê em horário nobre. *Esporte espetacular*, 21 mar. 2022. Fonte: <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2022/03/21/em-1991-desafio-entre-jiu-jitsu-e-luta-livre-colocou-o-vale-tudo-na-teve-em-horario-nobre.ghtml>. Acesso em 20 set. 2023.

MARCON, Marcelo. O globo surpreendido: Brizola governador–campanha e eleição de Leonel Brizola ao governo do rio de janeiro em 1982. *Revista Digital Estudios Historicos*, v. 22, n. 01, p. 1-12, 2019.

MARTINEZ, André. *Heróis do Vale Tudo*. Rio de Janeiro: Tatame, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTTA, Marly Silva da. A social-democracia trabalhista: Marcello Alencar e a política no Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, v. 1, n. 1, p. 148-161, 2013.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. ‘Rei Zulu’, um showman do vale tudo brasileiro. *Revista de Artes Marciales Asiáticas – RAMA*, v. 18, n. 02, p. 80-94, 2023. DOI: 10.18002/rama.v18i2.6210

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; VARGAS, Pauline Iglesias; CAPRARO, André Mendes. A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros. *História Oral*, v. 24, n. 02, p.69-88, 2021.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. Narrativas a respeito da institucionalização do Muay Thai no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 11, p. 1-21, 2020c.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. Uma identidade guerreira forjada “à base” das joelhadas e cotoveladas: as narrativas dos primeiros mestres do muay thai brasileiro. *Revista de Artes Marciales Asiáticas – RAMA*, v. 15, n. 01, p.22-33, 2020b.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. “Ele mesmo contou isso”: Nélío Naja, a produção de um mito. *Movimento*, v. 26, n. 03, p1-21, 2020a.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes. *Memórias e tradições do Muay Thai – da Tailândia ao Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p 3-15, 1989.

PVT. Causos e Histórias: O Desafio do Jiu-Jitsu contra a Luta-Livre em 1991. *Pvt*, 31 ago. 2016. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aXEWihj0VJw>. Acesso em 20 set. 2023.

ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje? *Campos-Revista de Antropologia*, v. 7, n. 02, p. 101-120, 2006.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes. A verdade sobre os Gracie: A narrativa da introdução do Jiu-Jitsu no Brasil através dos quadrinhos de José Geraldo. *Anos 90*, v. 28, p. 1-23, 2021.

SERRANO, Marcial. *O livro proibido do Jiu-Jitsu – A história que os Gracies não contaram*. Joinville: Clube de Autores, 2016.

SILVA, Harrison Vinícius Amaral da. *Efeito de um programa de intervenção estruturado com técnicas do jiu-jitsu brasileiro na atenção visual e no desempenho escolar em adolescentes: ensaio clínico randomizado*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

THOMSON Alistair. Recompondo a memória - Questões sobre a relação entre historial oral e as memórias. In: *Projeto História* nº15, São Paulo: EDUC, 1997.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CPDOC, 2000.

VALINSKY, Jordan. Empresa dona do UFC compra WWE e forma gigante de R\$ 106 bilhões. *Cnn*, Nova York, 3 abr. 2023. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/empresa-dona-do-ufc-compra-wwe-e-forma-gigante-de-r-106-bilhoes/>. Acesso em 20 set. 2023.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Entrevistas:

Eugênio Tadeu Amorim. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 25 set. 2023.

Fernando de Melo Magalhães – Fernando Pinduka. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 21 maio 2022.

Hugo Duarte. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Rio de Janeiro, RJ, 9 maio 2013.

João Ricardo. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Rio de Janeiro, 08 ago. 2014.

Johil de Oliveira. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Niterói, 15 out. 2015.

Luís Roberto de Moraes Duarte – Bebéo. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Rio de Janeiro, 26 jan. 2013.

Marcelo Dumar Molina. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 22 jul. 2019.

Marcelo Pires Alonso – Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

Roberto Leitão. Entrevista concedida a Roberto Alves Garcia. Rio de Janeiro, RJ, 16 maio 2014.

Sandro Roberto Batista – Sandro Lustosa. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 19 jul. 2019.

Sylvio Bering – Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 12 set. 2022.

Welington Luiz da Silva – Narany. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Vila Velha, 19 ago. 2019.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.